

# André Romão

## Noite

Versão PT

O sol pôs-se. A noite caiu, mas com ela não chegou o sono. Ou talvez tenha chegado e não reparei, nunca tenho a certeza de estar totalmente acordado. A lua nasce e raposas e fantasmas saem dos seus esconderijos, ou pelo menos é o que diz a maioria dos livros que leio. E com eles começam noites sem descanso. Plantas, animais e fantasmas saem para dançar. Dançam com ou nos meus sonhos, pensamentos e alucinações. Não me cabe a mim decidir os seus caminhos e modos, e isso agrada-me. Muito do que faço tem a ver com esta ausência de controlo.

Nesta exposição apresento alguns poemas que escrevi nos últimos anos. Pequenas observações sobre problemas maiores por entre o nevoeiro que os cobre como um manto. Nunca tive a certeza sobre como é que estes poemas se relacionam com as esculturas que também faço, mas agora penso que são uma só coisa. As mesmas ideias, sentimentos e desejos alimentam tudo.

Algumas criaturas nocturnas iluminam levemente o espaço escuro da galeria. Corpos projectam luz, alimentados pela electricidade que corre através das suas veias lenhosas, exigindo visibilidade e trazendo para o exterior as suas dinâmicas internas. Ultimamente esculturas de madeira têm-me fascinado, duplos rígidos de corpos que tornam os processos de mutação e transformação bastante visíveis. Árvores mortas feitas corpos vivos, corpos estes que apenas podem aspirar a tornar-se novamente madeira. Foram outrora o habitat de bichos-da-madeira, há muito desaparecidos. Os seus veios abrem-se, reivindicando a sua natureza de madeira, independentemente de eu tentar ou não impedi-lo. Foram árvores e continuam a ser árvores por algum tempo, mesmo que tenham sido obrigadas a parecer-se e a agir como humanos. Em “enxerto” tentei reverter esse processo. Tal como no processo agrícola, juntei a escultura morta a ramos de árvore ainda vivos de modo a que a seiva pudesse correr através dos corpos, como sangue. Mercè Rodoreda escreveu sobre árvores que digerem corpos humanos e que assim ficam com ossos.

Há uma secção de raiz na exposição, vinda de uma velha macieira. Retirei-a da terra e deixei-a na rua a secar. Uma noite uma das raízes apontou para algo, ainda não sei o que estava a mostrar-me mas tentei ajudá-la e dei-lhe um dedo para poder apontar.

Outras criaturas habitam a exposição. Tinha alguns olhos de vidro antigos que me observavam no estúdio e já há algum tempo que estou a fazer o resto dos seus corpos. Barro é um bom material, posso trabalhá-lo durante bastante tempo antes que seque. Corpos levam o seu tempo a desenvolver-se. Fiquei-me pela cara – se tudo isto é sobre encontros – , a sua presença já era suficiente. Uma delas olha para longe, atravessando-nos com o olhar. A outra repousa num bosque antigo. Essa tapeçaria com 400 anos esteve pendurada durante algum tempo no meu estúdio, a vista para a floresta antiga era como uma janela. Tirei-a da parede, a sua textura lembrava-me demasiado divãs freudianos, consigo ainda senti-la na pele.

Não sei quem estas criaturas são, talvez as tenha visto antes, e suspeito, como disse Pu Songling: elas parecem humanos, mas todos sabem que têm algo de raposa.

Obrigado  
com amor,  
André

## BIO

**André Romão** nasceu em Lisboa em 1984, onde vive. O seu trabalho centra-se na escultura e no texto e explora ideias de transformação, mutação e fluidez. Mostrou trabalho em instituições como Liverpool Biennial, Serralves (Porto), MAAT (Lisboa), Museu Berardo (Lisboa), Futura (Praga), The Green Parrot (Barcelona), Macro (Roma), Astrup Fearnley Museet (Oslo), CAPC (Bordeaux), Spike Island (Bristol), Kunsthalle Lissabon, entre outras. Publicou Fauna (2018), perspex, marble, bone (2014) e Poemas Bárbaros (2012).

# André Romão

## *Noite*

EN version

---

The sun set. The night fell but with it came no sleep. Or maybe it did and I just didn't notice, I'm not always sure to be fully awake. The moon rises and out come foxes and ghosts, or so say most of the books I read. And with them restless nights begin. Plants, animals and ghosts come out to dance. They dance with or within my dreams, thoughts and hallucinations. It is not up to me to decide their paths and their ways, and that pleases me. A lot of what I do has to do with this lack of control.

For this show I present some poems I've written in the past years. Small remarks that go about bigger troubles, amidst the fog that covers them like a cloak. I have always been unsure of how these poems relate to the sculptures I also make, but now I think they are one and the same thing. The same ideas, feelings and desires feed them all.

Some night dwellers bring a dim light into the otherwise dark space of the gallery. Bodies cast light fed by the electricity that runs through their wooden veins, demanding visibility and turning their inner dynamics outwards. Lately I've been very fascinated with wooden sculptures, stiff doubles of bodies that make the processes of mutation and transformation very visible. Dead trees made living bodies, bodies that can only aim to become wood once again. They were once the habitat of woodworms, now long gone. The grain splits open to reclaim their woodiness, regardless of whether or not I try to stop it. They were trees and they go on being trees for some time, even if they were made to look and act like humans. In "grafting" I tried to revert it. As in the agricultural process, I joined the dead sculpture with living tree branches, so that sap could run through the bodies as blood would. Mercè Rodoreda wrote about trees digesting human bodies, and gaining bones. There is a section of a root in the exhibition from an old apple tree. I dug it out and left it outside to dry. One night one of the roots pointed at something, I still don't know what it was showing me, but I tried to help and gave it a finger to point with.

Other creatures inhabit the show. I had some old glass eyes that stared back at me in the studio and, for a while now, I've been making the rest of their bodies. Clay is a good material, I can work on it for a long time before it dries. Bodies can take their time to develop. I stopped at the face. If it is all about the encounter, they are present enough. One of them stares into the distance, looking right through us. The other lays amidst ancient woodlands. This 400-year-old tapestry hung in my studio for a while, the view to the ancient woodlands was like a window. I took it off the wall, its texture reminded me too much of Freudian divans, I can still feel it against my skin.

I don't know who they are, maybe I've seen them before and I suspect, as Pu Songling put it: they look human but everybody knows they have a touch of the fox about them.

Thank you  
with love,  
André

## BIO

**André Romão** was born in Lisbon in 1984, where he lives. His work is centered around sculpture and writing and explores ideas such as transformation, mutation and fluidity. He has shown work in institutions such as the Liverpool Biennial, Serralves (Porto), MAAT (Lisbon), Museu Berardo (Lisbon), Futura (Prague), The Green Parrot (Barcelona), Macro (Roma), Astrup Fearnley Museet (Oslo), CAPC (Bordeaux), Spike Island (Bristol), Kunsthalle Lissabon, among others. He published *Fauna* (2018), *perspex, marble, bone* (2014) and *Barbarian Poems* (2012).



**André Romão**

# Noite

**Galeria  
Vera Cortês**

**15.09–  
29.10.2022**

**PRESS KIT**